

## O Pensamento Moriniano e o Filme “O Escafandro e a Borboleta”

Angelita Maria Vieira<sup>1</sup>

Elizete Conceição Silva<sup>2</sup>

Jéssica Anali da Silva<sup>3</sup>

Produção francesa, cujo título original é “Le Scaphandre et lePapillon”, é um filme profundo, lançado em 2007 e dirigido por Julian Schnabel. Presta-se a profundas reflexões convidando o telespectador a mergulhar em sua própria vida, através do drama de Jean-Dominique Bauby.

É um filme emocionante, reflexivo, e que vale a pena assistir com vistas a exercitar o pensamento e desenvolver um olhar diferente para os imprevistos da vida. Baseia-se em uma história real do jornalista e editor da revista Elle que se torna prisioneiro de seu corpo. *Todo meu corpo está encerrado em uma espécie de escafandro.*

“O Escafandro e a Borboleta” destaca-se tanto pelo roteiro, quanto pela fotografia. No início do filme, o diretor teve a sensibilidade de apresentar a visão que tem o personagem principal, isto é, como se estivesse apenas usando o olho esquerdo. E mais, mostra-a como de uma pessoa sentada, posição em que se encontra o doente, na cadeira de rodas. A visão se turva em alguns momentos. Jean tem dificuldade de atingir o alvo.

O filme traz uma história emocionante que faz repensar algumas situações e momentos da vida, em que há perdas que poderiam ser consideradas como o fim, mas que retomam seu real sentido ao mostrar como o ser humano é capaz de ir além, de superar as dificuldades, de demonstrar coragem e seguir adiante.

O filme conta a história do jornalista Jean-Dominique Bauby, editor da Elle, que é separado da esposa, tem três filhos e nesse dado momento se vê acometido por grave acidente vascular cerebral (AVC), que o deixa paralisado.

O AVC que deu origem a uma síndrome rara chamada de *Locked-in* (síndrome do encarceramento) paralisa os músculos voluntários por completo. No caso de Dominique apenas o seu olho esquerdo se movimenta; ele come e respira

---

<sup>1</sup>servicosocial2010.uem@hotmail.com

<sup>2</sup>elizetecsilva2007@gmail.com

<sup>3</sup>jessica-anali1@hotmail.com

por meios artificiais, mas intelectualmente está ativo, pois compreende o que as pessoas falam. O médico lhe diz: *Você teve o que chamamos de um acidente vascular cerebral,*

Ao acordar, no hospital, seus olhos veem imagens distorcidas, que aos poucos vão se definindo; então, ele se dá conta da condição em que se encontra e toma conhecimento do diagnóstico médico - uma doença sem cura-, sem tratamento a não ser por meio da estimulação. *Ele está acordando de um longo sonho.*

Diante desse quadro desanimador, começa uma nova etapa na vida de Jean-Dominique Bauby: as atividades mais rotineiras, como tomar banho, se alimentar, se comunicar, andar, tornam-se seus maiores desafios e, a princípio, ele tem dificuldade de aceitar. *Tenho 42 anos e estou sendo lavado como um bebezão.*

Em sua primeira oportunidade de comunicação, o protagonista manifesta o desejo de morte, considerando sua existência vazia e inútil, em razão dessa sua situação, porém acaba encontrando sentido na possibilidade de continuar manifestando seu pensamento através de um livro.

Se a primeira reação de Jean, em vista do quadro apresentado, foi desejar a morte, com o tempo ele decide parar de ter pena de si mesmo e resolve encontrar motivações para continuar vivo. Através de estimulações com o auxílio de uma fisioterapeuta e de uma fonoaudióloga descobre um meio para se comunicar. A auxiliar formava as palavras escrevendo as letras indicadas por piscadelas. *Como um marinheiro que vê a praia desaparecer, vejo meu passado se afastar reduzido às cinzas da memória.*

O método consistia nisto: uma piscadela equivalia a sim e duas a não. Com o olho chamava também a atenção do seu visitante para as letras do alfabeto, formando palavras, frases, páginas inteiras. Assim escreveu o livro: todas as manhãs, durante semanas, decorava as páginas, antes de ditá-las, depois de tê-las corrigido mentalmente, durante a noite.

Edgar Morin (2001), na obra “*O método 2 – A Vida da vida*”, por meio do pensamento complexo, fala da necessidade de desenvolver um outro modo de pensar, um modo diferente do tradicional, que envolve o pensamento binário, linear. Para o autor, a vida pode ser mais do que duas coisas, pode ter mais que dois lados e não necessariamente só um seja ele bom ou ruim.

No filme “*O Escafandro e a Borboleta*”, o personagem principal, depois de sofrer um AVC, fica totalmente dependente de outros, inclusive de profissionais da

área médica que buscam, através de sua especialidade, melhorar a existência do paciente reduzida a ver, ouvir e pensar. Em cada intervenção feita por esses profissionais foi necessária e sumamente importante a religação de saberes defendida por Morin, o que exigia uma equipe multidisciplinar para ajudar na recuperação de Jean.

Pode-se perceber tal interação, por exemplo, no método de comunicação criado pela fonoaudióloga. Em uma de suas falas, ela afirma ter pensado e pesquisado as letras mais usadas na construção de nossa fala, para assim criar o método de comunicação, que se fundamenta na utilização dos recursos de que o paciente dispõe, ou seja, o olho e o raciocínio. *Fiz diversas pesquisas, conversei com colegas e espero ter idealizado um esquema funcional.*

De acordo com o pensamento complexo, Morin enfatiza que não se pode rejeitar, ou desconsiderar os acontecimentos, o imprevisível, as contradições da vida. Para o autor (2001, p.409), há necessidade também de romper com o pensamento determinista – para ele incerto - no que diz respeito ao sentido da vida. *.../ Toda vida amortece, reduz, capta, utiliza, organiza, gere o acaso. A vida parece feita para encontrar o acaso, domesticá-lo, combatê-lo /.../.*

O ser humano não está imune às incertezas que o podem acometer; por isso, o futuro está em aberto, não há como prever o que vai acontecer à frente. Não somos seres fragmentados, somos únicos, somos tecidos em conjunto, e o fato de algo ter mudado não quer dizer que somos incapazes de nos reformular.

Em relação ao paciente, este teve de romper com o pensamento linear, já que todos os seus ideais e planos foram comprometidos. Pode-se constatar que ele fez uma reflexão sobre sua vida, sobre a forma como a encarava, sobre o modo como tratava as pessoas e, conseqüentemente, sobre as grandes oportunidades que perdeu de viver mais intensamente as relações por se voltar apenas para os seus próprios interesses, para o seu trabalho. *Hoje, sinto que minha vida é uma serie de frustrações. Mulheres que não fui capaz de amar, oportunidades que não soube avaliar, momentos de felicidade que deixei escapar.*

É desejo de todos os que rodeiam o paciente que este continue vivo, apesar do estado em que se encontrava. Nos primeiros momentos ele se sente indignado como se o fato de lutarem para que ele continuasse vivo fosse uma ofensa. Para ele, naquele momento, liberdade seria sair do corpo que o aprisionava.

É por meio da imaginação que Jean dá sentido e vida aos seus pensamentos e às memórias do passado e, é através dele que volta a sentir os prazeres da vida. Ao ver (sonhos) constantemente um mergulhador revestido de um escafandro, Jean revela como se sentia - preso dentro do seu próprio corpo -.

*Além do meu olho, duas coisas não estavam paralisadas. Minha imaginação e minha memória, essas eram as duas únicas maneiras de poder escapar do meu escafandro.*

O escafandro contrasta com a borboleta citada no filme como referência à liberdade, pela qual ele tanto ansiava. Por meio da imagem do escafandro e por este suscitar ideias de claustrofobia, o filme mostra como as pessoas veem apenas o negativo que a doença traz.

Uma história real é retratada pelo personagem Jean, o qual conseguiu libertar-se do “aprisionamento” do escafandro. Se a primeira reação do personagem, ao tomar consciência das sequelas do AVC, foi considerar que a sua vida se tornara um caos, com o passar do tempo ele consegue dar outros significados a sua vida e isso o ajuda a rever suas relações com os filhos, amigos e familiares.

Antes do AVC, a vida para Jean era determinada, e vivida dentro de uma ordem que lhe dava segurança, porém, foi na adversidade, na contrariedade, que ele conseguiu realmente ter conhecimento da “vida da vida” e realiza o sonho de escrever um livro. *O homem que dita em silêncio. Privado de fala e movimentos Jean Dominique Bauby teve que aprender a falar com uma pálpebra.*

Morin se refere à lógica da vida pelo fato dela se diferenciar da lógica do computador justamente pela ausência de rigidez. Se se vive em uma realidade de incerteza, essa rigidez não pode estar presente, pois diante de acontecimentos drásticos, como o da vida do protagonista, é preciso flexibilidade na forma prática de viver e na maneira de concebê-la.

Pode-se repensar a vida a partir da experiência vivida pelo personagem d’*O Escanfandro e a Borboleta* e ao se refletir sobre a presença das incertezas da existência. Para isso, é necessário que cada ser humano se disponha a reorganizar continuamente a desordem provocada pelos acasos da vida. *Toda existência suporta incessantemente risco e probabilidade* (Morin, 2001, p.409).

Jean-Dominique Bauby deixa uma importante lição de vida: mesmo em um corpo confinado pelo encarceramento, o ser humano pode ou deve acreditar na

possibilidade de manter-se vivo. A vida é muito mais que um corpo, uma regra, uma única opção. Dez dias após escrever o livro Jean-Dominique Bauby faleceu.

*A maravilha da organização viva, diferentemente da máquina artificial, é ser capaz de funcionar apesar do erro e com o erro*(Morin, 2010, p. 410).

### **Referência**

MORIN, Edgar. *O método 2: a vida da vida*. Trad. de Marina Lobo, Porto Alegre, Sulina, 2005.